

**A (DES)CONSTRUÇÃO DA POLIDEZ NAS TIRAS CÔMICAS
DA MARLY, DE MILSON HENRIQUES**

Priscila Guimarães Pinto (UFES)

priscila_gp7@hotmail.com

Maria da Penha Pereira Lins (UFES)

mpenhalins@gmail.com

Rivaldo Capistrano de Souza Junior (UFES)

r.capistrano@uol.com.br

RESUMO

O presente estudo tem por intuito apresentar uma análise qualitativa quanto ao processo de construção de face e das estratégias de polidez em tiras cômicas da personagem Marly. Considerando que os recursos imagéticos presentes nas tiras contribuem para que esse processo seja compreendido, será observado como a imbricação dos elementos verbais e não verbais se configuram nesse gênero textual de modo a construir ou desconstruir a face dos personagens com vistas ao humor. Para tanto, utilizou-se, como escopo teórico, os apontamentos de Ramos (2009, 2012) e Cagnin (1975), acerca do gênero textual em questão; do teórico Goffman (1981), com relação à construção de face; de Brown e Levinson (1987) e Leech (2005), a respeito da polidez, entre outros autores. Dessa maneira, o *corpus* que compõe esse estudo corresponde a três tiras cômicas da Marly, do cartunista Milson Henriques, selecionadas no jornal *A Gazeta*, no primeiro semestre de 2015. Assim, a partir desse estudo constatou-se que as estratégias de formulação do humor advêm das situações em que a personagem se encontra fora de face, ou seja, sua imagem social pretendida é desconstruída pela não utilização dos recursos de polidez. Além disso, foi evidenciada a importância de considerar não só os elementos verbais, mas também os icônicos presentes nas tiras, passíveis de serem analisados pragmaticamente.

Palavras-chave: Polidez. Cartun. História em quadrinhos. Construção da face.

1. Considerações iniciais

O trabalho em questão leva em consideração o fato de os gêneros textuais serem mediadores das ações humanas e, por conseguinte, multimodais, tendo em vista que essas ações se fundamentam em diversas linguagens (DIONÍSIO, 2005). Assim, compreende-se que, para se interpretar um texto, tanto o conteúdo, quanto a forma de estruturação deve ser igualmente relevante. Logo, os recursos imagéticos presentes nos textos são passíveis de serem analisados à luz da linguística textual, assim como os aspectos verbais. Então, para essa discussão, será estudada a abordagem da teoria da polidez, analisando os recursos icônicos e verbais, des-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

tacando tal pertinência na construção do humor e na quebra de expectativa, nesse gênero textual.

Considera-se, nessa pesquisa, que apenas o conhecimento do sistema da língua não é suficiente para discernir determinados fatos linguísticos empregados em uma situação concreta de fala. Logo, torna-se necessário o estudo, também, do uso da linguagem (FIORIN, 2003). Dessa forma, a pragmática tem como foco de estudo os atos linguísticos, porém, não isolados dos contextos de interação em que são executados. Assim, as análises desse campo linguístico atuam na área da competência do falante, isto é, pretendem explicar como ele compreende mais do que as expressões literais significam, além de, por exemplo, refletir sobre o motivo de um sujeito optar por utilizar uma determinada expressão de forma indireta, ao invés de dizer diretamente.

Com isso, é importante afirmar que

A noção central de toda Pragmática é a de estratégia. A gramática profunda da pragmática não é a gramática profunda da linguística, porque em pragmática são pertinentes estratégias ao invés de regras. As estratégias são regularidades exteriorizadas por uma competência comunicativa. (SILVA, 2005, p. 7).

É a partir das reflexões voltadas para as estratégias de comunicação que se insere a teoria da polidez linguística. A polidez, nesse sentido, corresponde às estratégias utilizadas para evitar uma situação de conflito.

Apesar de ser observada por diversos teóricos (BROWN & LEVISON, 1987; LEECH, 2005; entre outros), essa teoria pouco é explorada na perspectiva multimodal de texto. Sobre esse viés, o trabalho em questão busca favorecer análises desse porte, tendo em vista que as tiras de quadrinho são uma rica fonte de estudos pragmáticos, por conter elementos verbais e não-verbais, dispostos de tal forma a favorecer a interação.

Com isso, além destas considerações iniciais, das considerações finais e das referências bibliográficas, essa pesquisa é estruturada, inicialmente, pelas reflexões de Goffman (1981) acerca da construção da face. Posteriormente, é demonstrada a contribuição de Brown e Levison (1987) e Leech (2005) para os estudos da polidez. Ademais, será discorrido acerca do gênero textual tira cômica para, então, apresentar a metodologia e análise de tal estratégia linguística, relacionando-a à construção do humor nas tiras da personagem Marly, do cartunista Milson Henriques.

2. Sobre a noção de face

Erving Goffman (1981), ao discorrer sobre a interação social, considera que todas as pessoas estão envolvidas em um ambiente de encontros sociais que estimulam o contato tanto face a face, como através de terceiros. A partir desses contatos, cada pessoa executa o que ele chama de “linha”. Essa linha refere-se a padrões de atos verbais ou não verbais, os quais indicam uma determinada forma de pensar ou agir de um sujeito sobre uma situação, participantes nela inseridos e sobre ele mesmo.

A partir dessas reflexões, Goffman estipula o conceito de face sendo definido "como o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato particular" (GOFFMAN, 1981, p. 77). Isto é, a face corresponde à imagem do indivíduo elaborada em termos de atributos sociais aceitos. É importante mencionar que esse recurso não pertence ao sujeito, mas é construído e manifestado no fluxo de eventos comunicativos. Desse modo, o teórico afirma que um indivíduo tem, está com ou mantém a face quando a imagem dele está de acordo com a linha por ele assumida. Por outro lado, pode-se dizer que uma pessoa está “fora de face” ou “perde a face” quando os participantes pronunciam algo relacionado ao valor social que não condiz com a linha anteriormente mantida.

Além disso, Goffman também observou que as pessoas costumam demonstrar uma resposta emocional imediata à face, proporcionada pelo contato com os participantes da interação. Assim, quando um indivíduo percebe que perdeu a face, é comum que se sinta inferior no evento comunicativo, visto que, ao invés de o encontro apoiar a imagem do eu que se relaciona com a sua linha, nele, o indivíduo se encontra com a face ameaçada.

Todavia, o teórico afirma que o princípio básico da interação constitui no respeito a si mesmo e na aceitação da face do outro. Com isso, realizar estratégias de salvamento de face é comum nos eventos comunicativos e correspondem a atitudes padronizadas de acordo com a cultura de um determinado grupo social, a fim de recuperar a própria imagem social e/ou a dos outros participantes da interação. Nesse sentido, pode-se afirmar que, no jogo interativo, o ato de salvamento da própria face diz respeito a uma estratégia de defesa; quando esse ato é realizado para salvar a face do outro, a finalidade, portanto, é de proteção.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Assim, ao salvar a face o indivíduo deve levar em consideração tanto a interpretação dos seus atos pelos outros, quanto, a interpretação elaborada por ele sobre os atos dos demais participantes.

Outro conceito abordado trata-se da preservação de face. Esse ato se refere às ações que uma pessoa exerce para se adequar à sua imagem social. Segundo Goffman, essas estratégias neutralizam incidentes.

Assim, pode-se afirmar que as pessoas estão sempre se preocupando com sua imagem social em um evento comunicativo, pois a efetivação da interação depende do modo como nos apresentamos socialmente.

3. *Sobre a teoria da polidez*

Tendo como base as reflexões realizadas por Goffman (1981), os teóricos Brown e Levinson (1987) estruturaram o conceito de face relacionando-o às terminologias de face positiva e face negativa. A primeira se trata dos valores desejáveis que os interlocutores construíam em relação à imagem social do indivíduo, ou seja, condiz com o desejo de ser aceito, ser simpático, ser bom. A face negativa se refere ao desejo de não sofrer nenhuma imposição e está relacionada ao território (corpo, espaço, tempo, bens etc.) do sujeito.

Os teóricos afirmam que todos os atos produzidos na interação são de ameaça à face dos interactantes. Como exemplo de ameaça à face negativa do ouvinte tem-se: pedidos, ordens, conselhos, elogios, promessas, ofertas, etc. – que limitam a liberdade de ação do destinatário. Já os atos de ameaça à face negativa do falante são aqueles cujo ouvinte exerce um poder sobre o locutor, podendo se referir a agradecimentos, pedidos de desculpas, etc. Além disso, há os atos de ameaça à face positiva do ouvinte que correspondem, por exemplo, às críticas, insultos, acusações ou ofensas exercidas pelo falante contra o destinatário. Por sua vez, os atos de ameaça à face positiva do falante, dizem respeito a um descontrolo físico e/ou emocional do locutor, manifestado através pedidos de desculpas, confissões etc.

Vale ressaltar que o indivíduo, ao ameaçar de forma direta a face do destinatário, acaba deixando sua própria face, também, vulnerável, tendo em vista que o ouvinte pode optar por retribuir tal atitude. Portanto, os teóricos afirmam que, apesar de as ameaças à face serem constantes, o sujeito, comumente, utiliza estratégias mitigadoras com a finalidade de atenuar esses atos e preservar a face positiva. Sendo esses recursos

relacionados ao conceito de polidez, Lins (2002) declara que tais estratégias consistem no esforço da atuação que fazemos para mantermos a nossa imagem pública sólida. Nesse sentido, Brown e Levinson apresentam os métodos passíveis de serem utilizados pelo falante ao fazer um ato de ameaça à face:

- a) De maneira explícita: sem reparação;
- b) De maneira explícita, mas com polidez positiva: ligada à face positiva, demonstra camaradagem, solidariedade, aprovação em um determinado grupo;
- c) De maneira explícita, mas com polidez negativa: relacionada, por sua vez, à face negativa, ou seja, da autonomia, essa estratégia visa preservar o território dos sujeitos.
- d) De forma indireta;
- e) Não fazer.

Com isso, é válido apresentar o conjunto de estratégias de polidez, organizadas por Brown e Levinson, no quadro abaixo, a fim de exemplificar o modo em que esses recursos linguísticos são empregados em um evento comunicativo:

Estratégias de polidez	
polidez positiva	1. Perceba o outro. Mostre-se interessado pelos desejos e necessidades do outro.
	2. Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro.
	3. Intensifique o interesse pelo outro.
	4. Use marcas de identidade de grupo.
	5. Procure acordo.
	6. Evite desacordo.
	7. Pressuponha, declare pontos em comum.
	8. Faça piadas.
	9. Explícite e pressuponha os conhecimentos sobre os desejos do outro.
	10. Ofereça, prometa.
	11. Seja otimista.
	12. Inclua o ouvinte na atividade.
	13. Dê ou peça razões, explicações.
	14. Simule ou explícite reciprocidade.
	15. Dê presentes.
polidez negativa	1. Seja convencionalmente indireto.
	2. Questione, seja evasivo.
	3. Seja pessimista.
	4. Minimize a imposição.
	5. Mostre respeito.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

	6. Peça desculpas.
	7. Impessoalize o falante e o ouvinte. Evite os pronomes "eu" e "você".
	8. Nominaliza.
	9. Vá diretamente como se estivesse assumindo o débito, ou como se não estivesse endividando o ouvinte.
Indiretividade	1. Dê pistas.
	2. Dê chaves de associação.
	3. Pressuponha.
	4. Diminua a importância.
	5. Exagere, aumente a importância.
	6. Use tautologias.
	7. Use contradições.
	8. Seja irônico.
	9. Use metáforas.
	10. Faça perguntas retóricas.
	11. Seja ambíguo.
	12. Seja vago.
	13. Hipergeneralize.
	14. Desloque o ouvinte.
	15. Seja incompleto, use elipse.

Tabela 1. Estratégias de polidez propostas por Brown e Levinson (1987).

É importante mencionar, também, que essas estratégias de polidez são inversamente proporcionais ao grau de proximidade que os agentes da comunicação possuem. Assim, quanto mais íntimos forem os participantes da interação, a relação poderá ser menos polida, contudo, se o grau de proximidade for menor, a relação tenderá a ser mais polida e baseada na deferência. Além disso, a polidez está diretamente associada ao nível social dos falantes, ou seja, às relações de poder existentes entre os sujeitos.

Sob outras perspectivas, diferentes teóricos também discorreram sobre o fenômeno da polidez. Leech (2005) considera que as estratégias para resguardar a face do ouvinte e a do próprio falante são ativadas quando esse emissor participa da comunicação de forma a conceder grande valor aos interesses do outro e diminuir sua imposição.

Portanto, tendo em vista que a polidez se trata de uma atividade socialmente construída, ela pode ser observada por diferentes pontos de vista, de acordo com o enfoque dado pelo analista. O artigo em questão considera que as abordagens aqui apontadas se complementam na medida em que (re)constróem o fenômeno da polidez como um comportamento desejado para a interação. Assim, torna-se evidente a importância dada a esse estudo no campo da pragmática.

4. Sobre a tira cômica

Para elucidar as características do gênero em questão, serão abordados os levantamentos dos autores Ramos (2009, 2012) e Cagnin (1975).

Segundo Ramos (2009), a tira cômica faz parte de um gênero textual que compõe o hipergênero "história de quadrinhos". Vale mencionar que as denominadas histórias em quadrinhos se originaram com a criação de Yellow Kid, por Outcault, em 1895, no jornal *World*, de Nova York. Esse autor incorporou uma definição para a forma das histórias em quadrinhos e, a partir disso, esse gênero começou a ser divulgado, em larga escala, por vários jornais. Assim, na concorrência pelo público leitor, as editoras dos jornais preferiram aumentar as tiragens. Dessa forma, para adaptar as histórias ao tamanho da página do jornal, os quadrinhos passaram a ser produzidos no formato de tira¹.

Portanto, a importância do formato é evidente de tal maneira que está presente no nome desse gênero, além de direcionar o fluxo narrativo e as características dos personagens. Com isso, pelo fato de possuir um formato padrão muito reduzido (geralmente de um a três quadros), torna-se necessário que o produtor da tira resuma a narração e crie personagens estereotipados, a fim de facilitar o processo de compreensão textual. De acordo com Ramos (2009), quando o personagem é fixo, o leitor é responsável por ativar, nos seus conhecimentos compartilhados, as características da personalidade marcante do personagem em questão, com o intuito de produzir o sentido desejado pelo autor.

Além da especificidade do formato, outros mecanismos próprios dos quadrinhos devem ser levados em consideração por representarem elementos da narrativa. Desse modo, conforme Ramos,

O espaço da ação é contido no interior de um quadrinho. O tempo da narrativa avança por meio da comparação entre o quadrinho anterior e o seguinte ou é condensado em uma única cena. O personagem pode ser visualizado e o que ele fala é lido em balões, que simulam discurso direto. (RAMOS, 2012, p. 18)

¹Atualmente, segundo Ramos, os jornais ainda constituem o maior meio de divulgação desse gênero. Presentes, comumente, nos cadernos de cultura e entretenimento, a leitura das tiras é vista como um meio de distração.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Especificamente, o balão, que representa o diálogo entre os personagens, pode assumir diferentes significados, dependendo do contorno e do contexto, tal como consta na **Fig. 1**:



Fig. 1 – Marly. Fonte: A Gazeta, 07 de outubro de 2013

Geralmente, nas tiras da personagem Marly, os balões de fala não aparecem com contorno. Já o balão de pensamento, é representado por um formato de nuvem. Deve-se levar em consideração a importância do contexto, pois em outras situações, esse balão pode, também, representar o sonho de um personagem.

Além disso, a cor presente nas tiras também funciona como recurso importante no auxílio à alusão de informações. Tal como consta na **Fig. 1**, a cor rosa do berço permite ao leitor deduzir que se refere a uma personagem feminina. Sendo assim, pode-se afirmar que a cor é um importante recurso inferencial, facilitando a compreensão da narrativa.

O autor também menciona a presença de sinais gráficos (metáforas visuais) nas composições dos quadrinhos, sendo, portanto, imagens estereotipadas que caracterizam as condições psíquicas dos personagens. Na figura acima, a presença do ponto de interrogação representa a condição de dúvida da personagem Cruzodete, diante da fala de Marly.

Outro recurso utilizado na linguagem dos quadrinhos diz respeito ao formato da letra. Para demonstrar expressividade a letra tem um papel importante. Assim, por exemplo, uma palavra escrita maior do que as outras ou em negrito sugere um destaque para o tom de voz elevado.

Nesse gênero, há também o mecanismo das legendas que, normalmente, representam a voz do narrador e servem para guiar o leitor com relação à situação envolvida na tira. Conforme o teórico Cagnin (1975), a legenda é posicionada, na maioria das vezes, na parte superior do quadro.

Pode-se afirmar que todos esses recursos são necessários para superar as limitações dos quadrinhos ao auxiliar na compreensão da narrativa. Assim, o autor deixa claro que todos esses elementos devem estar em harmonia a fim de que o sentido desejado seja alcançado.

Ademais, é importante mencionar que o gênero em questão é produzido segundo um propósito discursivo, constituindo o tema da tira. Pode-se perceber essa característica por meio da disposição das formas linguísticas, e/ou não linguísticas.

Ao explorar as estruturas das narrativas, Cagnin (1975) disserta sobre a ocorrência do fluxo narrativo em três etapas². A primeira se refere à situação inicial, cujos personagens e cenários são apresentados ao leitor. Após isso, há o elemento disjuntor (gatilho), responsável por alterar o curso da narrativa (esse elemento pode advir tanto de um signo linguístico, como de um não linguístico, ou da interface dos dois signos). Por fim, há a disjunção narrativa, em que é apresentada uma situação incomum, originando o desfecho inesperado, causador do humor.

5. Metodologia

5.1. Sobre o corpus

Para a realização dessa pesquisa, fez-se um estudo investigativo de natureza qualitativa quanto à noção de polidez para relacioná-la às tiras cômicas adultas da série *Marly*, do autor capixaba Milson Henriques. Para tanto, foram coletadas duas tiras do jornal *A Gazeta*, do dia 20 referente aos meses de maio e junho de 2015, com o intuito de demonstrar como esse processo ocorre no gênero em questão.

5.2. Sobre a personagem Marly

Marly, personagem bastante conhecida no território capixaba, foi criada em 1972, por Milson Henriques para compor as séries diárias do jornal *A Gazeta*. Sua personalidade ousada e libidinosa faz com que ela, mulher de meia idade, feia, solteira e ainda virgem, que almeja encontrar um parceiro para satisfazer seus desejos sexuais, vivencie uma vida de constantes frustrações e conflitos.

²Vale ressaltar que, quando a tira é composta por um quadro, essas três ações são sintetizadas a ponto de que seja compreendido o fluxo narrativo em apenas uma cena.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Assim, a aparência de Marly não está nem um pouco de acordo com os padrões de beleza impostos pela sociedade e, portanto, não é alvo do olhar e do desejo dos homens. Além disso, a personagem possui uma amiga Creuzodete que aparece sempre nas ligações de telefone, para ouvir os desabados sobre as aflições de Marly. Desse modo, por ser feia e ninguém a querer, Marly não encontra sucesso nas suas tentativas de desencilhar, o que leva às situações cômicas em que ela se apresenta.

Portanto, com a finalidade traçar um perfil para personagem, Lins (2004, p. 71), elenca as características das tiras da personagem Marly:

a) Identificação:

Solteirona (50 anos aproximadamente)

Feia

Magra, seios caídos

Roupas moderninhas

b) Cenário em que atua:

Principalmente em casa, sempre ao telefone

Outros ambientes

c) Características atitudinais:

Limitada a um pequeno mundo

Solitária, só tem uma amiga (Creuzodete)

Carente, vive à procura de um homem

Ousada, aborda homens

Obcecada por sexo

5.3. Procedimentos de análise

Para a realização desta pesquisa, analisou-se a importância da imbricação entre a linguagem verbal e não verbal nas tiras cômicas observada à luz da teoria da polidez. Nessa perspectiva, aspectos constitutivos desse gênero textual foram considerados, tais como as imagens, os balões, as expressões visuais dos personagens, a configuração do espaço na tira, etc., além, é claro, da linguagem verbal, a fim de verificar como a

disposição desses elementos foi organizada de forma a construir ou não a polidez com o intuito de causar o humor.

Para tanto, nesse artigo, considera-se que as estratégias de polidez, por estarem inseridas no conceito pragmático de texto, devem ser analisadas enquanto processo. Assim, aspectos do contexto sociocognitivo referentes ao momento da interação devem ser levados em conta, ou seja, as normas sociais relativas ao evento comunicativo, o relacionamento entre os personagens, bem como a intenção do autor foram observados.

Além disso, levou-se em consideração a necessidade de apresentar os mecanismos que auxiliam na elaboração dessas estratégias, tais como a ativação dos conhecimentos socializados, por inferências, relacionando-as com o comportamento da personagem.

6. A desconstrução da polidez



Fig. 2- Encontro casual. Fonte: *A Gazeta*, 20 de maio de 2015

Inicialmente, na tira cômica acima, composta por dois quadros, é apresentada, ao leitor, a personagem Marly, juntamente com um rapaz sorridente e de boa aparência, com o qual ela deseja manter contato. Esse desejo é manifestado através do balão de pensamento *Q belo homem, fino! Vou entrar com toda educação!* e concretizado por meio do balão de fala *Bom dia, belo rapaz.* Ao saudar o homem que avistou, Marly constrói um ato de ameaça à face negativa do ouvinte, por elogiá-lo, o chamando de *belo*. Todavia, ela também faz uso da polidez positiva nessa saudação, visto que busca construir uma imagem positiva da sua face, de modo a tentar ser aceita pelo seu destinatário. Além do plano linguístico esse desejo também é explícito no plano visual, por meio das cores quentes expostas por trás da personagem, representando, provavelmente, o

fogo. Como exposto no *Dicionário Online Michaelis*³, o fogo pode significar: *Ardor, energia, vivacidade. Sentimento veemente. Entusiasmo, imaginação viva. Excitação*, entre outras definições. Assim, em nosso meio cultural, nessa situação, essa palavra se refere a uma forte atração carnal.

Todavia, como foi exposto que todo o ato de ameaça à face do ouvinte torna a face do falante, também, vulnerável e suscetível a ameaças, ainda no primeiro quadro, o homem desejado ameaça a face positiva da personagem Marly, ao dizer: *Bom dia, TIA!*. O substantivo tia encontra-se em destaque no plano linguístico, e condiz, nesse contexto socio-cognitivo interacional, a uma referência a pessoas mais velhas. Assim, nesse jogo interativo, Marly, ao ser comparada com uma pessoa de idade mais avançada, perde a face e busca salvá-la no quadro seguinte, dizendo diretamente: *TIA é o CACETE!!*. Na tira apresentada a seguir, tanto o formato do balão, quanto as letras realçadas em negrito e em tamanhos maiores, demonstra que Marly está gritando com o ouvinte por se sentir ofendida com a referência construída a seu respeito. Nessa situação, a personagem está mais preocupada em salvar sua face, ameaçando a do destinatário, do que utilizar estratégias de polidez positiva. Isso se torna evidente, também, pelas cores que, nesse último quadro estão representadas pelo preto. Além disso, é observada a reação visual de espanto do personagem ameaçado, devido ao não uso dos recursos de polidez.

Assim, pode-se afirmar que o humor decorre, justamente, do momento de “perda de face”, cujo personagem se encontra em situações que não condizem com a linha proposta por ele. A não utilização das estratégias de polidez também é comum em situações em que a intenção é provocar o riso, como visto nessa análise.



Fig. 3- Marly e as demais mulheres. Fonte: *A Gazeta*, 20 de junho de 2015

³ Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/fogo%20967421.html>>. Acesso em: 15-06-2015.

Na tira em questão, é apresentada a personagem Marly, no primeiro quadro, aparentemente esperando o elevador e elaborando considerações acerca do seu “eu”, do seu território corporal, ou seja, sobre sua face negativa, como consta no plano linguístico: *Tô me sentindo tão bem, tão bonita!*. Essa sensação é comprovada no plano visual, visto que a personagem em questão demonstra estar alegre por construir essa imagem sobre ela mesma. Ademais, no quadro seguinte, são apresentadas seis mulheres que saem do elevador, todas sorridentes e com traços que as fazem serem consideradas socialmente mais bonitas do que a Marly. Isso é evidenciado pela cara de espanto da personagem ao vê-las se aproximando dela. Com isso, a face positiva construída anteriormente foi desfeita, e o momento do segundo quadro constitui em uma situação em que ela se encontra inferior às demais. Mesmo que não tenha ocorrido uma comunicação verbal que propiciasse esse sentimento, o simples contato visual permitiu que a personagem Marly se encontrasse fora de face e com a sua imagem social negativa ameaçada. Uma estratégia que poderia evitar essa ameaça condiz com o pensamento de Leech ao afirmar que é apropriado aos indivíduos minimizarem seus valores pessoais e conceder um valor maior aos interesses dos outros participantes da interação. Contudo, Marly, não estando de acordo com essa estratégia, demonstra, no último quadro, sua indignação com tal situação em que foi exposta, ao dizer: *odeio o mundo!*. Esse sentimento se instaura através da constatação de que não se sente bonita mais e, por ninguém em particular ter ameaçado a sua face de forma explícita e direta, Marly atribui ao *mundo* esse ato.

O humor presente na tira, nesse caso, também advém da situação em que a personagem se apresenta fora de face. Percebe-se que nem sempre é necessário que haja um confronto direto entre dois ou mais personagens da tira para que o ato de ameaça à face ocorra. Para isso, a imbricação dos elementos verbais e não verbais torna-se estritamente necessária para a deflagração do humor.

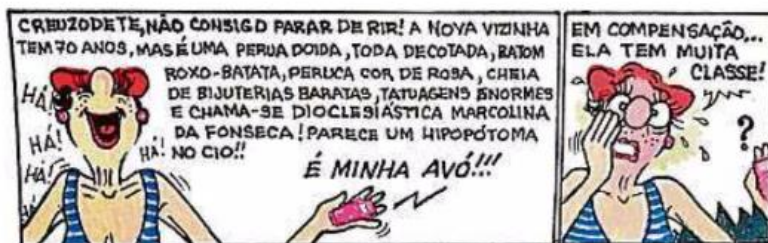


Fig. 4 – A fofoca. Fonte: *A Gazeta*, 16 de agosto de 2015.

Na tira acima, inicialmente, a personagem Marly se encontra às gargalhadas conversando com sua amiga Creuzodete. Na conversa, Marly faz várias críticas em relação a uma pessoa que ela ainda não conhecia de fato. Conforme consta no plano verbal, trata-se de uma “nova vizinha”, com setenta anos e que, de acordo com a personagem principal, tanto o corpo, quanto as vestimentas, eram suscetíveis ao riso. Porém, em seguida, é exibida a fala de Creuzodete interrompendo Marly ao dizer *É minha avó!!!*. Com isso, no quadro seguinte, a personagem principal é apresentada no plano visual aparentando estar assustada (mão no rosto, olhos arregalados, pingos de suor). E, como a própria fala expõe, procura compensar as críticas realizadas dizendo que a avó da Creuzodete tem *muita classe*.

Percebe-se nessa situação que, por se tratar de uma conversa entre amigas, a personagem Marly não se preocupa em preservar a sua imagem positiva (desejo de ser simpática, boa) ao falar de uma terceira pessoa. Assim, tece comentários ofensivos – e, no ponto de vista dela, engraçados - sobre uma senhora que se tornou sua vizinha há pouco tempo. Porém, Creuzodete, ao perceber que a pessoa em questão se tratava da própria avó, alerta Marly sobre esse fato, a fim de salvar a face positiva da parente.

A partir desse esclarecimento, Marly vê sua imagem social positiva ameaçada e, visando salvar sua face, faz uso da estratégia de polidez positiva, elogiando a senhora ao dizer que a considera uma pessoa de muita classe.

Com isso, o momento que desencadeia o humor, nesse caso, também decorre da situação de perda de face, em que Marly aparenta ficar “sem jeito” e tenta reverter a situação causada por ela. Contudo, constata-se que ela não conseguiu recuperar sua imagem, pela representação do ponto de interrogação próximo ao telefone.

7. Considerações finais

A partir do trabalho exposto pôde-se perceber a importância do contexto socialmente situado, ao levar em consideração as estratégias de polidez e o não uso delas em um determinado evento comunicativo. Tais estratégias são claramente percebidas nas tiras cômicas, tendo em vista os recursos imagéticos e verbais dispostos pelo cartunista que permitem ao leitor fazer alusões ao comportamento social. Além disso, foi consta-

tado, nas tiras analisadas, que a construção do humor decorre das interações em que o personagem perde a sua face, isto é, quando se encontra em situações que não condizem com a imagem social almejada por ele. Esse fato geralmente procede de um ato de ameaça à face, sendo ele ocorrido de forma direta ou não.

Assim, as categorias verbais e não verbais vistas nas tiras são dispostas de forma a propiciar o jogo interativo do comportamento social, mas sem a preocupação de fazer uso constante das estratégias de polidez, visto que tem por intuito desconstruir a face de algum personagem para causar o humor.

Portanto, essa pesquisa contribuiu para o estudo das teorias de face e de polidez em textos multimodais, ampliando, desse modo, os recursos analíticos que a linguística textual apresenta para analisá-los. Assim, pretende-se futuramente avançar nos estudos apontados nesse artigo, utilizando um maior número de *corpus* a serem analisados à luz do fenômeno da polidez.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CAGNIN, Antônio Luís. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. 2005. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-142.

FIORIN, José L. (Org.). *Introdução à linguística II*. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003, p. 161-186

GOFFMAN, Erving. A elaboração da face – uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p. 76-114.

LEECH, G. *Politeness: Is there an East-West Divide?* *Journal of Foreign Language*, n. 6, nov.2005, general serial n. 160, 1004-5139.

LINS, Maria da Penha Pereira. *Organização tópica do discurso de tiras diárias de quadrinhos*. 2004. Tese (de Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

MARCOTULIO, L.; SOUZA, S. A teoria da polidez de Brown e Levinson aplicada ao português brasileiro: desafios e propostas. *Anais da IX Semana Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos*. São Gonçalo: UERJ, 2007. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/07.html>>. Acesso em: 15-06-2015.

OLIVEIRA, M. Polidez nos quadrinhos: uma análise pragmática das tiras de Mafalda. *Cadernos do CNLF*, vol. X, n. 13, 2006. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/13/15.htm>>. Acesso em: 15-06-2015.

RAMOS, P. *Estratégias de referência em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas*. *Ling. Disc.*, Tubarão, vol. 12, n. 3, p. 743-763, set./dez. 2012.

_____. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. *Pragmática: a ordem dêitica do discurso: as representações do EU e seus efeitos de sentido*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2005.